



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

## Entrevista ao Jornalista Francisco Xavier Andres Gonzales, do Jornal ABC, de Madrid

*Jornalista: O senhor é um Presidente jovem, um dos mais jovens do mundo. Em pouco tempo de governo, o senhor já enfrentou o melhor e o pior. O seu otimismo inicial no combate a inflação não diminuiu?*

*Presidente:* Eu sou, por natureza, uma pessoa extremamente otimista porque a nossa geração tem direito a um mundo melhor. A nossa geração foi muito penalizada nos anos recentes, por exemplos não muito corretos, dados por uma geração acima da nossa. Portanto, a nossa geração quer ter o direito de sonhar, e, mais do que isso, de concretizar os seus sonhos. Por isso, ela é necessariamente otimista.

Em relação ao Governo, nós implementamos um programa de ajuste econômico sem precedentes na América do Sul e na América Latina, e um dos mais rigorosos planos de ajuste do mundo, como única saída para a crise que o País vivenciava há mais de uma década.

Naturalmente, este é um programa que exige o sacrifício do conjunto da sociedade. E ela até se dispõe a isso, naturalmente

desejando que este sacrifício que está fazendo se traduza em resultados concretos no seu dia-a-dia. Esses resultados não chegam do dia para a noite. Eles demoram um pouco a acontecer, até devido à gravidade dos problemas estruturais do Brasil.

Por outro lado tivemos, no decorrer da implementação do programa econômico, alguns sobressaltos, que não imaginávamos que viessem a ocorrer, como a crise no Golfo Pérsico, que obrigou o Brasil a mais do que duplicar os seus gastos com a compra de petróleo; as perspectivas pouco animadoras da «Rodada Uruguai» do GATT; a renegociação da dívida externa ainda não ter sido concluída. Todos esses fatores serviram para que os resultados do programa econômico não fossem colhidos mais cedo do que o inicialmente previsto.

Pela primeira vez, também, seguramente nessa última década, o Governo Federal não se envolveu em disputas eleitorais. O Governo ficou absolutamente distante do processo eleitoral, porque entendia como uma interferência indevida de sua parte num processo democrático.

Naturalmente, alguns setores da imprensa sempre procuram dizer: «Não, há uma simpatia, porque o Presidente recebeu fulano...» A pessoa solicitou audiência, veio pelos canais normais, eu não tenho por que deixar de receber. Eu sou Presidente não de um partido, não de uma coligação, sou Presidente de toda a Nação brasileira. E eu tenho que saber separar muito bem as eventuais preferências do cidadão da postura de um Chefe de Estado.

Então, eu diria que o programa prossegue na sua trilha. Não há nenhuma possibilidade de mudança, até porque este programa econômico não nasceu da vontade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, mas nasceu aprovado nas urnas, sobretudo no segundo turno. As propostas eram inteiramente diferentes, eram antípodas. Um candidato pregava a estatização, o fortalecimento do Estado, o calote da dívida externa, o rompimento com as multinacionais, a reforma agrária feita por invasão de terras. E o outro candidato pregava que o Estado tinha que encolher para que a economia voltasse a crescer, pregava um elogio à iniciativa privada, num momento em que ela realmente desenvolvesse a sua atividade sem os favores do Esta-

do, pregava um processo de renegociação da dívida externa que deixasse possibilidade ao País de voltar a crescer.

No momento em que ficou muito nítido que eram propostas diferentes, e foi aprovada uma proposta, ela só pertence à sociedade. Cabe-nos levá-la adiante, para que possamos, a partir do segundo semestre de 1991 ou primeiro semestre de 1992, começar a tratar do crescimento interno efetivo.

---

### Exercício da Presidência

---

*Jornalista: O otimismo inicial, a arrogância com que se manifestava em relação à queda da inflação no começo do Governo...*

*Presidente:* Realmente conseguimos muito, porque passar de uma inflação de cerca de 90% a 16% é uma tarefa extraordinária. Uma outra tarefa extraordinária é que tínhamos um déficit previsto para 1990 de 9% do PIB, e vamos apresentar um superávit de 0,5% do PIB. Isto é um ajuste de cerca de 50 bilhões de dólares em nove meses. Você não vai encontrar no mundo exemplos sequer parecidos com este.

O pessoal gosta muito de encontrar nas minhas atitudes arrogância, autoritarismo. E não existe nada disso. O que há nas minhas atitudes é uma absoluta crença no que eu estou fazendo. Acredito mais naquilo que estou fazendo do que os meus adversários nas suas críticas. Eles não acreditam nas críticas que me fazem da maneira como eu acredito naquilo que estou fazendo. Tenho a consciência nítida daquilo que temos feito. Não tenho nenhuma dúvida. É por isso que, outro dia, uns jornalistas, almoçando aqui, diziam assim: «Os presidentes aqui no Brasil sempre reclamaram muito do exercício da Presidência. Uns diziam que estavam na Presidência, mas não pediram para ser presidente, e que, portanto, estavam fazendo um favor. Outros disseram que a Presidência caiu no colo deles e que era uma chateação, era uma coisa muito aborrecida. Outro ficava doente, não dormia direito. Como é que o senhor se relaciona? O Senhor se sente bem na Presidência?» Eu falei: Sinto-me muito

bem. Gosto do que estou fazendo. O sábado e o domingo, para mim, são intermináveis, porque fico querendo voltar para cá, para trabalhar. Estou entusiasmado com o que estou fazendo. Durmo muito bem. Não tenho nenhum tipo de problema, de saúde, nada. Isso se dá porque tenho a convicção íntima de que estamos construindo algo novo para esse País.

Então, talvez pelo voluntarismo, pela vontade de fazer, pela vontade de avançar, de criar coisas, eles dizem que é autoritarismo, é isso, é aquilo. Longe de mim. Agora, defendo os meus pontos de vista, isso eu defendo. E, outra coisa, todos aqueles que eventualmente julgam que podem fazer pressão sobre o Governo, para o Governo ceder, todos eles sabem que não adianta. Fazer pressão sobre esse governo, para ele mudar a estrutura da sua administração, isso não acontece.

Eu vou até o último dia do meu mandato. Ou a gente conserta o Brasil agora, e, sobretudo, muda a cultura e certos hábitos de fazer política, ou então pouca coisa a gente avançará. Quando eu digo isso as pessoas acham até uma certa graça, mas é a verdade: eu não tenho nenhuma vocação política. Aí o pessoal diz assim: «Como não tem vocação política, sendo de família de político e Presidente de República?» Eu digo: «Não tenho. Posso ter o destino político, mas a vocação não». A minha vocação é outra. A minha vocação é de administrador, de realizar, de organizar, de fazer. Agora, o meu destino político é que me trouxe até aqui, porque entendo a política como uma atividade humana das mais nobres. Não generalizo, mas infelizmente, na prática, alguns fazem questão de transformar o fazer política numa profissão vil, menor, subalterna, de atendimento a interesses pessoais, incapazes de ver o espírito público, de conjugar a possibilidade de construir uma sociedade melhor. E é aí que a coisa fica complicada.

---

### Estilo Pessoal

---

*Jornalista: O Senhor está falando do seu estilo político, o estilo humano, o estilo Collor. Mas a sua personalidade esportiva tem sido motivo de críticas.*

**Presidente:** Não, não. Eu sempre fiz esses esportes. Sempre fui uma pessoa muito voltada para os esportes. Então, acho estranho quando faço alguma coisa e os jornais dizem: «O Collor andou de ultraleve, andou disso, andou daquilo». Isso para mim é uma coisa normal.

Há uma elite no País que quer exigir do Presidente da República o comportamento que eles acham que deve ter. Mas eles podem exigir esse tipo de comportamento para um presidente, talvez, de 60 anos, ou de mais idade. Eu tenho 41 anos. Não vou deixar de praticar os meus esportes, não vou deixar de andar de carro ou de moto. Eu gosto disso. Gosto de carro, velocidade, de avião, de submarino. Eu gosto de ver essa *high technology*.

Da mesma forma não suporto mediocridade. Tenho horror à mediocridade, horror à coisa malfeita, à coisa arranjada. O que eu posso fazer? Dizem que o Presidente se isola. Eu me isolo da mediocridade, porque não suporto conversar com pessoas que, apenas por terem um título ou um mandato, vêm aqui conversar sobre o emprego da tia, da cunhada, da irmã. Isso me exaspera. Quero conversar sobre coisas interessantes, sobre coisas do País. Tragam-me idéias: «Olha, Presidente, eu tenho uma idéia assim, quem sabe, um programa nessa área... » Pronto. Isso, sim, é uma conversa mutuamente vantajosa. Agora, para tratar dessas questões miúdas, isso não dá.

A preocupação em relação aos meus esportes começa, pela minha mãe, que fez um artigo publicado pela revista *Veja*, pedindo para que as mães brasileiras escrevessem para que eu não fizesse esportes perigosos. Liguei para a revista *Veja*, pedi o meu direito de resposta, e fiz um artigo mostrando à minha mãe que eu não tinha tantos problemas. Ela realmente tinha horror a negócio de carro e de motocicleta, de velocidade. E nós, os filhos, tanto eu como meus irmãos, sempre gostamos. E tivemos muitos acidentes de automóvel, de motocicletas, e ela sempre se preocupava muito porque quebrávamos o braço, a cabeça, o cotovelo. Sempre foi uma preocupação dela. Eu fiz um artigo dizendo que não se preocupasse com isso, que não traria nenhum risco à minha saúde.

Mas é uma necessidade, porque a carga de trabalho que a gente tem, a carga de preocupações não é brincadeira. Esse é um grande país, é um país extraordinário, e os seus problemas também são proporcionais. Então, se durante a semana eu não puder jogar energia para fora nos esportes, aí fica complicado. É por isso que eu não posso deixar de fazer esportes.

---

### Equipe Econômica

---

*Jornalista: O senhor tem apontado as causas externas pelo relativo fracasso de sua política econômica. Mas o problema não poderia estar no trabalho de sua equipe econômica?*

*Presidente: De jeito nenhum...*

*Jornalista: A inflação vai cair?*

*Presidente: Vai, a inflação vai cair. Não tenho nenhuma dúvida quanto a isso. A mesma certeza tenho de que a equipe econômica vem conduzindo perfeitamente o programa de estabilização. Qualquer agente econômico, hoje, no Brasil, vê isso. Qualquer crítico do Governo, hoje, se você perguntar a ele qual a perspectiva da inflação para o primeiro trimestre do ano ele vai dizer. Porque a política monetária, a política fiscal, elas estão muito severas. A nossa base monetária, em dezembro, é a mesma do mês de maio. Não tem como.*

E por que ainda está assim? Por essa questão do Golfo, pela resistência de alguns setores econômicos, que apostam na volta da inflação. Mas agora eles estão chegando à conclusão de que não adianta. Não adianta fazer esse tipo de pressão porque eu não vou mudar, não vou mudar. O pessoal diz: «Não é queda-de-braço, o Presidente não pode agir assim». O que eu posso fazer? Não posso fazer nada!

*Jornalista: A sua política de abertura exterior, dívida externa, no que difere da do governo anterior?*

*Presidente:* É diametralmente oposta. Nós não queremos nos afastar da comunidade financeira internacional. Queremos nos aproximar, queremos nos inserir, de uma forma competitiva, nesse novo mundo que está surgindo, a partir do fim do bipolarismo ideológico. Desejamos habilitar o País, dentro dessa visão moderna de Estado, para que ele esteja sentado junto com os países do Primeiro Mundo. Esse é o nosso desejo, é isso que estamos buscando. Uns dizem: «Bom, isso é um sonho, é uma utopia». Utopia ou não, sonho ou não, cada um de nós tem que ter um objetivo, e o nosso objetivo tem que ser esse — não somente do Brasil, mas da Argentina, de qualquer país da América do Sul que trabalhe, efetivamente, visando isso.

Vejo com muita preocupação a posição da Comunidade Econômica Européia, na mesa de negociação do GATT. Essa posição extremamente protecionista da Comunidade Econômica Européia não está de acordo com esse novo momento por que passa o mundo.

Aqui, na América do Sul — falo do Brasil, poderia falar de outros países também, mas seria indevido — estamos abrindo as nossas fronteiras, reduzindo todas as nossas alíquotas, exatamente para demonstrar que o Brasil não quer exigir dos outros aquilo que ele próprio não exige de si mesmo.

Se hoje estamos advogando, junto aos países-membros da CEE, uma posição mais maleável, em termos das restrições que eles impõem aos produtos importados, é porque temos autoridade para advogar, para reivindicar isso. E, naturalmente, eu espero, postergado que foi, adiado que foi o fim da «Rodada Uruguai», eu espero que alguns avanços possam ser alcançados. Mas para isso é fundamental que a Comunidade Européia nos despreocupe, flexibilizando um pouco a sua posição.



Em relação à dívida externa, como disse, a nossa posição e a do governo anterior são completamente diferentes. Nós estamos renegociando a nossa dívida, estabelecendo como única condição aquilo que eu acredito seja do interesse dos próprios banqueiros internacionais, ou seja, que o Brasil, ao fazer o pagamento da dívida, não comprometa a sua capacidade de crescer economicamente. Estamos exatamente no meio dessa negociação, e espero que, tão cedo quanto possível, possamos fechá-la.

---

## Integração Latino-Americana

---

*Jornalista: Presidente, como estão os termos da integração latino-americana?*

*Presidente:* Nós temos a nossa integração como uma prioridade, a integração da América Latina, mas, por razões históricas e econômicas, a partir do Cone Sul — Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Já temos um tratado assinado, a Argentina e o Brasil, que estabelece como data-limite 31 de dezembro de 1994 para estarmos inteiramente integrados.

A integração consolida o processo de democratização da América do Sul, da América Latina. A integração é fundamental para manter esse quadro de estabilidade democrática. Ao mesmo tempo, fortalece economicamente o continente, sobretudo num momento em que esses megabloques estão se fechando e se formando. Integração significa, do ponto de vista econômico, redução de custo, melhoria da eficiência, maior competitividade. Significa um processo seletivo e de especialização das nossas economias. Quer dizer, o Brasil vai produzir aquilo em que é especialista, aquilo que consegue produzir com um preço mais baixo e com uma qualidade melhor. A Argentina, da mesma maneira, vai agir onde ela é competitiva, buscando um preço menor e qualidade melhor.

Então vai haver uma redução de desperdício muito grande. Com essa integração, vamos tornar a América Latina, a partir

do Cone Sul, uma força econômica em condições de disputar mercados, mesmo altamente protegidos, como esses que nós já estamos vislumbrando, como o mercado europeu, o bloco europeu, o bloco asiático, o bloco americano, e assim por diante.

---

## Empresariado

---

*Jornalista: Os empresários, os militares, sofreram com o programa econômico. O senhor não teme represálias desses setores?*

*Presidente:* As Forças Armadas brasileiras vêm dando uma grande colaboração nesse processo de consolidação democrática. Os militares brasileiros vêm tendo uma posição irrepreensível, obedecendo aos ditames constitucionais, em seu estrito senso, voltando as suas preocupações para uma maior profissionalização das armas que compõem as Forças Armadas. Portanto, por esse comportamento que vêm tendo, não tenho dúvida nenhuma de que os militares brasileiros estão profundamente atentos ao cumprimento da nossa Constituição. Não vejo nenhum problema a esse respeito.

Grande parte dos empresários já entendeu a necessidade de um programa de ajuste como esse, para criarmos condições do País voltar a crescer sem o perigo de um processo inflacionário reaceso. Existem outros, infelizmente, que teimam, que ainda resistem a um saneamento econômico-financeiro do País, porque ficaram acostumados, durante muitos anos, a ganhar dinheiro apenas com a especulação. Perderam o costume da competição, porque não precisavam competir para vender, já que o seu dinheiro era totalmente aplicado no mercado financeiro, que lhes dava ganhos muito elevados. Dessa forma, eles perderam a capacidade de competir, seus músculos ficaram flácidos, e agora, quando são chamados a competir de novo, eles dizem: «Puxa, voltar a competir, tem que fazer tudo isso de novo, isso é muito cansativo». E resistem.

Mas esses, eu espero que, já a partir de agora, dêem sinais de fadiga. E eles sabem que não há pressão no mundo que nos faça mudar de rumo. Vamos tentar superar as dificuldades, tentar vencer as dificuldades. Não é cantar vitória antes da hora, mas prosseguir conversando aqui e acolá, jamais modificando a nossa bússola, o nosso norte, que está marcado. Esses empresários que ofereceram essa enorme resistência ao Plano, eles já começam a dar sinais de fadiga. E eu espero que, para o bem do Brasil, para o bem de todo esse sentimento nacional, acabem se curvando à realidade.

---

### Ideologia

---

*Jornalista: Alguns lhe criticam por ser um capitalista feroz vestido de populista.*

*Presidente:* Eu sinto dificuldade em estabelecer esse perfil ideológico. Àqueles que me acusam de capitalista feroz, digo que a minha equipe econômica, toda ela, é de origem esquerdista. O Santana, Secretário de Administração, que vem fazendo um grande trabalho, ele vem do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, trotskista. A Ministra vem do Partidão. E eu tenho também o Ministro Passarinho, que vem de governos militares. Tenho, no Ministério do Trabalho, um sindicalista.

Pela primeira vez no País, um ministro do Trabalho e Previdência Social, porque eu fundi dois ministérios num só, é um líder sindical, é um trabalhador, um eletricitário, que saiu da presidência de uma central sindical.

Se por aí puder se puxar uma resultante do que seria o meu perfil ideológico, ou seja, se pudesse ser definido o meu perfil ideológico a partir das pessoas que compõem o meu governo, eu diria que, talvez, ele seja a síntese do sentimento nacional. O João Maia, que é o Secretário Executivo do Ministério da Economia foi guerrilheiro, na época em que o Ministro Passarinho era ministro do regime militar. E os dois estavam juntos, na

mesa, defendendo a posição do Governo. Antes, eles foram apresentados: João Maia e Passarinho. Aí o Passarinho disse assim: «João Maia. Nome ou codinome?» Porque o João Maia foi preso. E todos estão convivendo muito bem.

Isso demonstra que no Brasil não existe mais nenhum tipo de ressentimento por esse período. Todos nós estamos tratando de nos juntar, de nos unir, para fazer o melhor pelo nosso País. E todos nós estamos juntos.

Talvez essa síntese possa definir o meu perfil, não o perfil ideológico, mas o perfil de uma expectativa, de um desejo, de uma vontade nacional, que é a de deixar essa questão ideológica de lado e buscar, fundamentalmente, o bem-estar social.

Quando a gente vê, por exemplo, o que houve na União Soviética, o que houve na Espanha, um exemplo extraordinário... Chegou um momento em que o pessoal parou para pensar, e disse: «Estamos discutindo esse negócio de bloco comunista, bloco capitalista, socialista, não-socialista, e enquanto a gente discute isso o povo continua passando fome, dificuldades, o País em crise... Então, vamos deixar isso de lado e nos unir para tratar do bem-estar social». O que a população deseja é que a gente discuta menos essa questão ideológica e discuta mais como resolver as questões sociais, como levar a comida à mesa do trabalhador, como dar emprego, como dar educação e saúde. É isso que se busca. E isso, naturalmente, só se consegue mediante um Estado mais eficiente, mais ágil, mais enxuto.

---

## Religião

---

*Jornalista: O Senhor é supersticioso?*

*Presidente:* Sou profundamente cristão e religioso, acho que dá para ver. E eu sou uma pessoa movida a dois tipos de combustível: fé e ideal. E é exatamente isso que, às vezes as pessoas interpretam como intransigência e arrogância. Não tem nada disso. É que eu sou movido por fé e por ideal. Infelizmente o

ideal hoje está muito escasso no mundo. Aqui no Brasil também. São poucas as pessoas que agem por ideal, por acreditar em alguma coisa. As pessoas, infelizmente, agem em função dos seus interesses mais baixos, da coisa mais primária. Eu sou carregado de fé, da fé de que nós vamos alcançar, de que vamos chegar lá, de que esse País vai se encontrar. E de ideal. Sou movido basicamente por isso, não por superstição.

*Entrevista concedida ao jornalista  
Francisco Xavier Andres Gonzales, do  
jornal ABC, de Madrid, em Brasília, DF,  
no dia 14 de dezembro de 1990.*